

## **Charlas: falas, escutas e presenças nas Instituições Universitárias Salesianas<sup>1</sup>**

Renato Ferreira Machado<sup>2</sup>  
Faculdade Dom Bosco, Brasil  
rfmachado@faculdadedombosco.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0002-9732-5906>

Blas Garzón Vera<sup>3</sup>  
Universidad Politécnica Salesiana, Ecuador  
bgarzon@ups.edu.ec  
<https://orcid.org/0000-0003-1539-9985>

Héctor Raúl Grenni<sup>4</sup>  
Universidad Don Bosco, El Salvador  
hector.grenni@udb.edu.sv  
<https://orcid.org/0000-0002-2564-0229>

### **Introdução**

Segundo as informações disponibilizadas no site da Salesian Institutions of Higher Education, ensino superior conta com a presença salesiana desde 1934, com a inauguração do St. Anthony's College, em Shilong, na Índia.

- 1 Este trabalho foi realizado junto ao grupo de estudos sobre história e memória das IUS América.
- 2 Doutor em Teologia, coordenador de pesquisa e extensão da Faculdade Dom Bosco-Brasil.
- 3 Doctor en Historia. Coordinador del Grupo de Investigación en Desarrollo Local-GIDLO de la Universidad Politécnica Salesiana-Ecuador.
- 4 Doctor en Historia de América Latina. Mundos Indígenas, por la Universidad Pablo de Olavide de Sevilla, España. Miembro Correspondiente de la Academia Salvadoreña de la Historia, integra el Centro de Formación en Pedagogía y Espiritualidad Salesiana (CIPES) en la Universidad Don Bosco de El Salvador.

Foi recentemente, porém, no ano de 1997, que foi iniciado o acompanhamento e a animação das instituições salesianas de ensino superior por parte da congregação (IUS, 2024, Seção Quem somos - História). Desde então, a congregação salesiana expandiu sua ação em universidades, centros universitários e faculdades, chegando aos cinco continentes, em vinte e dois países. No continente latino-americano são vinte e oito instituições de ensino superior, espalhadas em nove países (IUS, 2024, Seção Rede Mundial IUS-América). Se considerarmos os contextos de origem destas obras educacionais, encontraremos propósitos congregacionais que remetem ao carisma salesiano, confiado por Dom Bosco às gerações futuras. Aos celebrarmos os cento e cinquenta anos da missão salesiana na América Latina, formamos uma rede de trabalho que reúne diversas IUS do continente latino-americano na discussão, reflexão e ação a partir da memória e história das instituições universitárias salesianas. Nesta rede de trabalho surge o projeto que apresentamos neste artigo.

Constituído como grupo de trabalho, esta equipe de educadores e educadoras de ensino superior que atuam em IUS da América Latina traz como experiência prévia a publicação do livro *Experiencias de Educacion Superior Salesiana en América Latina*, lançado em 2023 pela editora *Abya-Yala-UPS*, de Quito e organizado pelos professores Blas Garzón-Vera, da *Universidad Politécnica Salesiana* de Equador e Hector Grenni Montiel, da *Universidad Don Bosco*, de El Salvador. Nesta obra foram registradas as histórias de algumas IUS da América Latina: a *Universidad Salesiana*, do México, a *Universidad Don Bosco*, de El Salvador, a *Universidad Católica Silva Henríquez*, do Chile, a *Universidad Salesiana Politécnica*, do Equador e a *Universidad Salesiana* de Bolívia. Avançando para a segunda fase deste projeto, somaram-se ao grupo outros educadores e IUS, com a intenção de ampliar e incluir mais instituições neste registro da história e memória da obra salesiana no ensino superior. A partir de diversos encontros online, ocorridos desde 2023, o projeto inicial se ramificou em três linhas de trabalho: *Espíritu de la Acción Misional: Nacimiento de la Iues en América Latina*, coordenada pelo Professor Dr. Pablo Solórzano Marchant, da *Universidad Católica Silva Henríquez*, do Chile; *Nacimiento y Figuras de las Universidades Salesianas*, coordenada pelo Professor Dr. Blás

Garzón Vera, da *Universidad Politécnica Salesiana* do Equador; e *Identidad y Educación Superior Salesiana*, coordenada pelo Professor Dr. Renato Ferreira Machado, da *Faculdade Dom Bosco*, no Brasil, autor deste artigo.

A última linha de trabalho surgiu de uma pergunta: até que ponto a identidade salesiana é percebida e compartilhada no ambiente acadêmico das IUS? Especificando um pouco mais a questão: faz alguma diferença para

as pessoas que estudam nas IUS o fato de realizarem seu ensino superior em um ambiente nascido da missão e do carisma salesiano? A partir destas inquietações percebemos que não estávamos diante de uma problemática técnica e nem mesmo quantificável, ainda que seja possível realizar uma pesquisa quantitativa sobre o assunto. Nossa impressão era de que o problema dizia mais respeito a um sentimento de pertença e a como este sentimento se manifesta e, finalmente, à leitura de possíveis identidades que se formam a partir deste sentimento. Disso nasce o projeto Charlas: falas e presenças nas Instituições Universitárias Salesianas. Este projeto será apresentado no artigo que segue.

### **Contexto e planejamento do projeto**

O projeto Charlas surgiu da inquietação diante da identidade institucional salesiana no ensino superior e da maneira como esta identidade é percebida pela comunidade acadêmica, de maneira especial pelos estudantes. Refletindo junto ao grupo de trabalho das IUS América que vem discutindo sobre a história e a memória das IUS, percebemos que seria importante propor um espaço organizado de escuta dos sujeitos acadêmicos quanto ao tema. Ao pensar nisso, ponderamos também qual seria a melhor forma de registrar esta escuta e coletar aquilo que de mais significativo fosse comunicado. Além disso, nos ocorreu que, ao propor esta dinâmica nas IUS, estamos nos colocando diante da possibilidade de acolher e viver uma experiência de comunhão com as pessoas da comunidade acadêmica a partir de suas histórias, de suas vidas, de suas presenças. Percebemos, por fim, que a concretização deste projeto precisava nos levar o mais perto possível da experiência fundadora de tudo aquilo que é salesiano: a experiência do Oratório.

Dom Bosco enfrentou muitas dificuldades por sua persistência na autonomia e na criação de novas estruturas separadas das instituições ordinárias e comuns de sua época. Uma delas era a Paróquia, porque os Oratórios de Dom Bosco transcendiam a instituição paroquial. Ele sempre concebeu seu Oratório como a paróquia dos jovens sem paróquia. Seus Oratórios foram projetados para ser casa, igreja, escola e pátio.

Além disso, os Oratórios de Dom Bosco não eram apenas festivos e, mesmo nos dias festivos, se desenvolvia de manhã e de tarde. Ele reunia os jovens durante todo o dia e lhes proporcionava tudo de que necessitassem.

Organizou classes diurnas e noturnas, visitou os rapazes em seu trabalho, interessou-se por suas necessidades reais. (Sandrini, 2018, p. 34)

Em seu planejamento, o Projeto Charlas toma como objetivo geral contribuir para a atualização da história e da memória das IUS por meio do reconhecimento das atuais culturas juvenis e de suas possibilidades de diálogo com a salesianidade. A partir desta intencionalidade, o projeto tem como um dos seus objetivos específicos exercitar a escuta ativa de jovens estudantes das IUS, acolhendo suas expressões, cosmovisões e identidades. Outro objetivo específico é acolher a palavra dos salesianos presentes nas IUS, escutando a narrativa de sua experiência e compromisso missionário. Por fim, o projeto deseja contribuir para o diálogo entre salesianidade e culturas juvenis por meio da produção de conteúdo digital aberto à comunidade. Nesse sentido, o planejamento do Projeto Charlas tem como ponto de partida a adoção de uma dinâmica que ultrapassa os moldes acadêmicos, sem deixar de lado todo o rigor necessário para sua realização, abraçando uma linguagem inclusiva, aberta e participativa: a da produção audiovisual.

Desde o início o Projeto Charlas foi pensado como um minidocumentário, produzido para ser veiculado nas redes sociais, especialmente no YouTube, das IUS envolvidas. Para seu desenvolvimento pensamos na articulação de momentos de diálogo com estudantes das IUS envolvidas e, inicialmente, com os salesianos presentes na casa. Articula-se, nessa linha, a gravação destes momentos de diálogo nas diversas IUS participantes, como a Faculdade Dom Bosco, no Brasil, a UPS, no Equador e UDB, em El Salvador. Para tanto, está em planejamento um cronograma de gravações, com sua devida edição a ser realizada na UPS, que dispõe de profissionais da área de comunicação para realizar o trabalho. Na medida em que as gravações forem realizadas e o próprio vídeo for lançado e veiculado nos canais de YouTube institucionais, teremos um rico material para ser analisado e que possibilitará, certamente, a escrita de artigos e organização de programas de formação sobre o tema para as IUS. Isso se dará por meio de um olhar interdisciplinar, norteado por uma telogia que dialogue com as culturas juvenis a partir do carisma salesiano.

Na medida em que o projeto se desenvolve, vai surgindo a ideia de envolver professoras e professores das IUS nesta dinâmica. O tema deste diálogo será a percepção da identidade salesiana no ambiente da IUS e o quanto esta identidade pode se fazer presente de maneira direta ou indireta. De maneira direta através da presença de salesianos, da estética e dos elementos simbólicos presentes no ambiente da IUS, de atividades pastorais e do próprio nome da instituição. De maneira indireta por meio das relações estabelecidas entre os diversos sujeitos que constituem o ambiente comunitário acadêmico, da acolhida e acompanhamentos de pessoas na IUS, dos projetos de extensão e de pesquisa que integram a IUS às comunidades de seu território, da visão sobre as juventudes disseminada e vivida nas IUS e sobretudo por meio do

currículo de seus cursos. O problema que se coloca para a concretização do projeto, por isso, se encontra na forma como estas questões serão reveladas na gravação do minidocumentário. Afinal, de que maneira é possível estabelecer um diálogo aberto, livre e fluido entre os interlocutores? Como proceder para que este diálogo consiga comunicar a quem assistir algo que seja relevante para além da especificidade do próprio carisma salesiano, conectando pessoas a partir de sua própria humanidade? Sobretudo, será que este diálogo precisa ser travado exclusivamente com palavras?

Diante do desafio de apresentar este projeto no VI Congreso de Educación Salesiana, o inscrevemos no eixo temático de interculturalidade, onde também estarão os demais projetos do grupo. Acreditamos poder contribuir neste eixo ao articular e mediar diálogos entre estudantes de algumas de nossas IUS, salesianos e educadores a partir da linguagem midiática da produção audiovisual. A produção de um mini documentário traz a possibilidade de estabelecer registros e narrativas que podem vir a servir como chave de leitura para futuros estudos e planejamento nas IUS. Além disso, a experiência de colaboração que vem acontecendo entre as IUS que participam do projeto desde já estabelecem laços que se manterão para além do projeto. Atentos a estes processos os professores envolvidos certamente realizarão estudos e publicações a respeito destas experiências.

O planejamento do projeto vem se dando com uma equipe ampliada, envolvendo diversos professores das IUS participantes: a Faculdade Dom Bosco, no Brasil, a Universidad Politécnica Salesiana, no Equador, a Universidad Don Bosco, em El Salvador e a Universidad Mesoamericana, na Guatemala. Nesse sentido, as discussões vêm aprofundando a metodologia a ser adotada para estabelecer estes diálogos e seus registros. É consenso no grupo que não podemos aprisionar o diálogo com perguntas diretas, cujas respostas tendem a ser óbvias, sem nada acrescentar ao que já se sabe. Este cuidado é extremamente necessário para que se logre os objetivos estabelecidos. O projeto não pretende confirmar ou negar a percepção da identidade salesiana no ambiente das IUS. O que se pretende é convidar para um diálogo que certamente se estenderá para muito além da aplicação do projeto e do lançamento do minidocumentário nas redes sociais. Por essa razão, o diálogo a ser estabelecido necessita de um ambiente, de uma disposição, de um convite que estabeleça, de saída, um vínculo de confiança e uma predisposição à abertura de quem dele participar. Por isso, este diálogo será uma charla.

## Charla: falar e escutar ao redor do fogo

Comunicar-se é um ato humano e humanizador. Desde o surgimento da espécie humana no planeta Terra, a elaboração de uma linguagem complexa, de dupla articulação, foi um fator determinante para o surgimento daquilo que expressa a própria identidade humana: a cultura.

Segundo Morin (2005), esta linguagem, ainda que não seja novidade entre os seres vivos, apresenta-se como fator que coloca em comunicação não apenas as moléculas e células, mas os próprios espíritos de quem se comunica (p. 36). Morin prossegue afirmando que a linguagem é a grande encruzilhada entre o biológico, o humano, o cultural e o social. Para ele, a totalidade humana está contida na linguagem (p. 37). Do desenvolvimento e aprimoramento da linguagem surgiram idiomas que deram unidade a grupos humanos, etnias e sociedades múltiplas, espalhadas pelo mundo.

Uma vez que a linguagem humana não serve apenas para descrever diretamente aquilo que se vê, ela se torna expressão daquilo que não se vê. O ser humano, ao desenvolver consciência de si e da realidade, conscientiza-se também sobre sua finitude e sobre a inevitabilidade da morte. Diante disso, passa a procurar um sentido último para seu existir, realizando, neste processo, a experiência de viver segundo este sentido. Neste processo reconhece-se aquilo que pode ser denominado como fé. Apesar do senso comum relacionar fé com a crença em algo que não se pode ter sua existência comprovada, esta crucial experiência humana se traduz na fidelidade a um sentido que se transforma em projeto de vida. A fé confere sentido a uma vida que é finita e por isso acaba por ser a experiência humana por excelência. Por esta razão, a fé precisa ser comunicada. Nesta linha, assumimos a visão do teólogo alemão Paul Tillich (1957), que descreve fé como deixar-se possuir por algo que nos toca incondicionalmente (p. 5).

Tillich prossegue afirmando que a linguagem da fé, por excelência, é simbólica. Sendo a fé algo que se vive de forma integral e integradora, não é possível comunicá-la de forma parcial, apenas com razão ou emoção, por exemplo (p. 7). Para ele, “aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos, porque apenas a linguagem simbólica expressa o incondicional” (p. 30). Tillich lembra que símbolos indicam algo que está fora deles, ao mesmo tempo que faz parte daquilo que indica. Por isso, através do símbolo passamos a perceber a realidade e nossa própria interioridade em níveis que não seriam possíveis com sua ausência. Isso porque os símbolos são fruto do inconsciente individual e coletivo, emergindo e desaparecendo de acordo com o impacto que a experiência da realidade tem em nós (pp. 31-32).

Por isso, um símbolo é aquilo que reúne tudo que está fragmentado na existência e lhe confere sentido por meio de algo perceptível ao ser humano. Sendo uma espécie de alfabeto da experiência de fé, o símbolo cria narrativas que são transmitidas através do tempo, constituindo-se naquilo que se denomina como mito. Para Mircea Eliade (2010) mito é a própria narrativa da história sagrada, aquela que estabelece às pessoas a origem e a originalidade do tempo em que vivem (p. 84). Desta forma, mitos não se constituem em mentiras ou simples fantasias sobre aquilo que ainda não foi esclarecido pela razão. Pelo contrário: no mito encontram-se as razões pelas quais se assume determinada atitude, projeto e principalmente determinada identidade.

Nele há uma narrativa que transcende o real e revela as camadas mais profundas desta mesma realidade. Mesmo que não denominemos assim, como salesianos vivemos a partir da narrativa mitológica do Oratório de Valdocco e a este mito recorremos sempre que precisamos reafirmar nossa própria identidade. Um mito, porém, corre sempre o risco de se transformar em um ídolo: quando tomado ao pé da letra, deixando de transcender sua condição simbólica e de apontar para o sagrado, tornando-se objeto de disputa pelo poder (Tillich, 1957, p. 36). Por essa razão, sempre é necessário voltar às fontes originais da narrativa simbólica, o que se faz por meio dos ritos.

Viver de novo a experiência original, ainda que em outro contexto histórico, recoloca a sacralidade herdada na centralidade da vida. Para tanto é preciso um constante processo de acompanhamento no amadurecimento da fé e uma abertura ao questionamento sobre aquilo que se foi estabelecendo como tradição a partir desta experiência. Afinal, a vivência ritual de narrativas simbólicas acaba por formar, historicamente, as próprias tradições religiosas. Neste ponto, precisamos chamar atenção para algo que vai ser muito importante na concretização do projeto Charlas.

Por um lado, existe a presença histórica de tradições religiosas na formação dos povos, influenciando profundamente cosmovisões e cenários sociais e culturais. Por outro lado, a experiência de fé tem caráter ontológico, antecedendo e ultrapassando as formas assumidas pelas tradições religiosas para expressar esta mesma experiência. Por esta razão, é necessário superar a visão moderna que separa o elemento religioso do restante da sociedade e o isola em lugares separados de todo o resto. Considerando a dimensão transcendente humana, encontraremos na própria cultura a expressão e busca e afirmação de sentido para a vida que toda pessoa humana acaba por realizar. Para Tillich (2009), ao mergulhar em um contexto de alienação da vida espiritual, nossa sociedade procura um lugar para a religião e a encara como se fosse apenas mais uma das funções ou atividades que compartilhamos socialmente (p. 45). Na verdade, porém, tudo aquilo que move profunda-

mente o ser humano é religioso, uma vez que o religioso diz respeito às mais profundas buscas humanas por sentido existencial. Por essa razão, a religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião (p. 44).

Seguindo o ideário elaborado pelo teólogo luterano Paul Tillich, que propõe um olhar correlacional entre cultura e religião, nos propomos a lançar um olhar sobre os sinais do religioso possíveis de serem lidos nos ambientes de nossas IUS. A sociedade nascida da modernidade, conforme já nos referimos, desencadeou um processo de separação entre religião e organização social, deslocando o elemento religioso do centro referencial e existencial da sociedade para lugares específicos, ordenados por opções confessionais. Neste processo ergue-se gradativamente aquilo que hoje se denomina como sociedade ou estado laico, pressupondo a experiência religiosa como um exercício de liberdade da pessoa e, até certo ponto, como regulação moral do tecido social como um todo. A isso tudo, porém, perpassa a experiência humana de busca e afirmação de sentido, conforme já dissertamos anteriormente. Tal experiência, na forma como se apresenta atualmente, oferece desafios e perigos, libertação e aprisionamento. Os desafios e a libertação se encontram na vivência de um sentido que aponta para o cerne da existência naquilo que a torna profundamente humana. Os perigos e aprisionamentos se encontram naquilo que Tillich (1957) denomina como idolatria, uma vez que aquilo que se revela como sentido existencial traz consigo uma promessa de realização e uma exigência de sacrifício para que tal promessa seja alcançada (p. 6).

Chegamos a este ponto para nos remetermos àquilo que move o projeto Charlas: a comunicação de sentidos vividos e intuídos pessoalmente e institucionalmente. O desafio de realizar uma escuta sobre a percepção identitária nas IUS corre também riscos de aprisionamento em discursos prontos e formatados que podem, por exemplo, apontar simplesmente para o caráter confessional da instituição, sem, no entanto, discutir ou refletir sobre o sentido mais profundo desta confessionalidade e do próprio carisma congregacional salesiano ali presente. O que se coloca em jogo, então, é a dimensão transcendente e a experiência de fé realizadas por estudantes, salesianos e pela própria IUS ao longo de sua história. Para se obter acesso a tal nível de experiência necessita-se muito mais do que um roteiro de perguntas e de entrevistas. É preciso viver o rito através do qual se expressam as narrativas mitológicas que norteiam as buscas dos sujeitos em interlocução, onde se compartilharão os símbolos que surgem nesta caminhada. Isso, por sua vez, se dá em ambiente salesiano, o que significa colocar-se em um território marcado historicamente por uma espiritualidade que conduz à predileção pelos jovens mais pobres, especialmente os que estão em risco, e pelos adultos das classes populares (Bucellato, pp. 61-62). Significa também estar em um ambiente educativo

marcado pela pedagogia da alegria, que Dom Bosco segue a partir de São Francisco de Salles e São Felipe Neri (pp. 65-66). Tudo isso articulado pelo Sistema Preventivo, cuja premissa era conhecer os jovens e deixar-se conhecer por eles, estabelecendo uma relação pautada pela razão, pela religião e pela amabilidade. Aliás, Buccellato lembra que esta amabilidade era o próprio coração do sistema preventivo. Ele diz respeito a uma relação individual e personalizada junto a cada jovem (p. 64). Aqui se encontra a razão por optarmos pelo título de Charlas para nosso projeto.

Ao nos propormos à realização deste projeto em chão latino-americano, o fazemos com consciência da história e memória do continente, acolhendo seus símbolos, seus mitos e seus ritos, com toda sua diversidade. As experiências de buscar e partilhar sentidos para a vida tomam diversas facetas nos diferentes países da América Latina, mas guardam também alguns pontos em comum. O termo charla, por exemplo, é recorrentemente utilizado em diversos lugares do continente como sinônimo de conversa descompromissada, ou como se diz no Brasil, “conversa jogada fora”. Na verdade, esta conversa descompromissada guarda em si todo um significado ligado à memória social e ancestralidade das pessoas que dela participam. Estar em uma charla significa colocar-se como ouvinte e interlocutor, mesmo que ao longo da conversa se fique em silêncio. O assunto da charla é sempre o mesmo e é sempre diferente: falar sobre o que se viveu naquele dia, sobre o trabalho, sobre os problemas, sobre as alegrias, sobre as perdas, sobre as conquistas, sobre tudo aquilo que vier à memória.

Ao anoitecer, no final de cada dia de trabalho, os gaúchos trazem aperos, arreios, esporas, boleadeiras e seus corpos cansados, e vão ajeitando-se, homens e coisas, pelo galpão. Os homens, aos poucos, displicentemente, vão conformando um círculo em torno do fogo onde já fervem cambonas, passam uma cuia de amargo, mateiam. Um enrola um palheiro; outro, concentrado, quem também chamam guasqueiro, está trançando um laço com tiras de couro. (Leal, 2021, p. 141)

Alguns elementos compõem este momento de partilha, com variações entre diferentes culturas. Basicamente, a charla ocorre ao final do dia, quando se abre a “boca da noite”, conforme se fala no sul do Brasil. Esta noite, que engole o dia que se vai, aponta para a noite final que engolirá a todos nós: a morte. A escuridão que virá sobre todos os seres viventes os silenciárá e fará com que se perca no tempo tudo aquilo que foi vivido. Por isso, enquanto escurece, é preciso falar e, falando, confiar ao vento aquilo que se encontra em nossas palavras.

Corre sobre as planuras, selvas e montanhas, um infinito vento generoso.

Em uma imensa e invisível bolsa vai recolhendo todos os sons, palavras e rumores da terra nossa. O grito, o canto, o assovio, a reza, toda a verdade

cantada ou chorada pelos homens, os matos e os pássaros vão parar na enfeitada bolsa do Vento. (Yupanqui, 2023, p. 13)

Se escurece, é preciso insistir para que a luz permaneça acesa. Por isso, a charla se dá ao redor do fogo. O fogo, na região pampeana, sinaliza o lugar de encontro. Nas noites de inverno, o fogo aquece e anima quem chega com frio. Na escuridão, ilumina os rostos conhecidos e recepciona quem está chegando. É mito ancestral que se presentifica em meio a quem hoje busca um rastro para dar direção à vida que se repete no cotidiano.

No fogo também se prepara o alimento que revigora quem participa da charla. Na região pampeana prepara-se o mate, que passa de mão em mão, desde que os Guaranis o receberam da Caa Yari. Para seu preparo, a cambona é posta junto ao fogo, aquecendo a água, mais tarde posta dentro da cuia, junto ao barranco da erva-mate. Nestes finais de dia prepara-se também o alimento a ser compartilhado. Comida simples e saborosa, sempre suficiente para todos que estão por ali e para quem, por acaso, se achegar. Um assado, um arroz carreteiro e outras tantas comidas que se repartem na América Latina. Ao redor do fogo, na charla, ninguém passa fome ou permanece com sede. A todos se oferece o alimento. A todos se passa o mate.

O principal alimento, porém, é a própria charla. Aquilo que é falado e aquilo que é escutado preenche os vazios que restaram daquele dia e, por vezes, apontam sentidos para o que parece ter sido mera perda de tempo. Entre narrativas sobre o que foi feito naquele dia, comentários e críticas sobre diversas situações, emergem as falas que parecem portar a própria sacralidade da charla: os causos.

Todo um repertório de histórias orais, em seus diversos gêneros, viajou junto com os homens por diferentes cantos do mundo, atravessou séculos e certamente deixou suas marcas no Pampa sul-americano. Motivos, temas ou gêneros repetem-se, reinventam-se, vão tomando formas próprias e enraizando-se em novos territórios. O dito “quem conta um conto acrescenta um ponto”, que não se restringe à cultura gaúcha, mas nela está presente, descreve bem a situação de contar histórias que ocorre no galpão. As falas circulam, vão encontrando mediações, outros falantes, outros significados e eventos de fala recompõem-se enriquecidos. (Leal, 2021, p. 156)

Ao contar causos, os participantes da charla acabam por revelar muito mais do que quando falam das atividades do dia a dia. Os causos se constituem no centro ritual da charla. Muitos foram aprendidos em outras charlas. Outros foram passados de pai para filho, sendo adaptados com o passar do tempo ou mesmo mantendo sua forma original. O importante é que, ao tomar a palavra para contar um caso, a pessoa acaba por encarnar aquilo que está narrando. Ela mesma se torna o caso que conta e pode passar a ser

conhecida pelos causos que traz para a charla. Desta maneira, a presença de bons contadores de causos acaba por ser sempre desejada e incentivada nas charlas ao redor do fogo. Estes contadores de causos assumem o papel similar a de um pregador, compartilhando um texto sagrado, que é escutado, assimilado e depois repetido por quem está com ele enquanto a charla se desenrola.

Observando-se a ritualística de uma charla percebemos o quanto este ato se encontra enraizado na vida humana há muitos séculos. Conforme já afirmamos, o desenvolvimento da linguagem foi um dos fatores que acabou por determinar nossa própria humanidade. Por meio desta linguagem que se desenvolveu (e continua sempre em desenvolvimento), elaboramos narrativas que tentam dar conta do próprio viver, principalmente diante da inevitável ameaça do “não-viver”, que é a morte. Sentar-se ao redor do fogo, alimentar-se fraternalmente junto do outro e sentir-se livre para contar sua história e suas histórias é recusar-se a morrer, passando a habitar na memória de quem se encontra na roda fraterna da charla na boca da noite. Também é recusa à morte afirmar um sentido existencial, mesmo em contextos nos quais este sentido é diminuído ou menosprezado. Seguindo esta lógica, podemos identificar a dinâmica das charlas na ceia do Senhor com seus discípulos (Jo 13, 1-17, 26), bem como em passagens como a dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35). Nesta última, especialmente, encontramos o Cristo Ressuscitado contando um longo “causo” para ensinar o sentido do que estava ocorrendo naquele momento. Mais tarde, ao cair da noite, revela-se quem Ele era ao partilhar o pão ao redor da mesa.

Dom Bosco, em seu Oratório de Valdocco, também vivia a dinâmica da escuta e narrativa entre os jovens que acolhia. Situada na periferia de Turim, a obra original de Dom Bosco acolhia jovens que não eram apenas pobres, mas rejeitados. Constituindo um espaço seguro tanto pedagógico quanto evangelizador, Dom Bosco estabelece uma dinâmica de convivência repleta de ludicidade, na qual livremente cada jovem partilhava sua história e seus projetos de vida.

Nesta charla, estabelecida ao redor do fogo das juventudes, a troca de experiências, impressões e esperanças estabelecia inquebrantáveis laços de confiança, afeto e fraternidade, a ponto de transformar muitos daqueles jovens em continuadores da obra iniciada por Dom Bosco. Assim, se o Oratório é casa que acolhe, escola que educa, igreja que evangeliza e pátio onde se convive com os amigos, é exatamente isso que se precisa encontrar em cada IUS, que deve ser percebida como obra salesiana por causa da presença destes aspectos.

Até aqui desenvolvemos o conceito que dá forma ao projeto que estamos propondo: a proposta de realizar charlas em nossas IUS, buscando

escutar e expressar o que é sentido a respeito da identidade salesiana por quem se encontra na instituição. Acreditamos que a ritualização do diálogo acaba por revelar sentidos, sentimentos e sensibilidades a respeito do tema e que mesmo os silêncios que certamente ocorrerão. Há outra questão ainda, decorrente desta, que necessitamos abordar: a linguagem audiovisual que será adotada para registrar e transmitir esta experiência.

Se, ao desenvolvermos a ideia da charla, mostramos a ancestralidade deste hábito, talvez a primeira impressão, ao introduzirmos a questão da linguagem audiovisual, seja a de uma quebra desta ancestralidade frente a uma forma pós-moderna de se comunicar. De saída, porém, afirmamos que não há nenhuma contradição entre as duas formas de comunicação. Pelo contrário: a linguagem audiovisual é portadora dos mesmos elementos da charla, que são potencializados pelas possibilidades abertas pelo aparato tecnológico.

O cinematógrafo dispõe do encanto da imagem, ou seja, renova e exalta a visão das coisas banais e cotidianas. A qualidade implícita do duplo, os poderes da sombra e uma certa sensibilidade à fantasmagoria das coisas, reúnem os seus prestígios milenários no seio da ampliação fotogénica, e atraem as projecções-identificações imaginárias melhor, muitas vezes, que a própria vida prática. (Morin, 1997, p. 116)

O cinema, ao captar e projetar imagens da realidade, transforma o cotidiano em uma narrativa simbólica. Mesmo ao registrar passagens comuns do dia-a-dia, sem efeitos visuais que as modifiquem, a projeção cinematográfica leva quem a assiste a estabelecer uma relação diferenciada com o que está sendo mostrado. Rostos podem se tornar paisagens, vozes podem integrar-se a músicas ou mesmo a sonoridades ambientes, histórias comuns podem revelar dimensões míticas e a tela, onde se projeta o que foi captado, pode se tornar um espelho fantasmagórico, onde estão projetadas nossas vidas nas vidas ali exibidas. Edgar Morin, na obra que citamos há pouco, toma o cinema como uma nova Caverna de Platão, onde as sombras mitológicas da humanidade são projetadas e onde a humanidade que assiste a esta projeção aprofunda sua condição pela possibilidade de visualizar a si própria. Esta visualização, porém, não se constitui em uma atitude passiva, mas em uma comunhão comunicativa, na qual os sentidos todos se abrem para acolher a narrativa.

Com isso também vamos ao encontro de uma linguagem corrente nas realidades juvenis, acessada principalmente em redes sociais. Como a proposta do projeto Charlas é produzir um mini documentário para ser veiculado em redes como o Youtube, acreditamos que ele acabe estabelecendo um ambiente oratoriano também nos espaços virtuais. Nesta linha também é importante ressaltar que a intenção de um projeto como este, ao provocar diálogos sobre a percepção da identidade salesiana no ambiente das IUS

se encontra no alcance de camadas mais profundas desta identidade, para além do que é notório confessionalmente. Ou seja: que tipo de narrativa se estabelece em uma instituição salesiana de ensino superior que pretende se colocar como espaço formativo a partir da obra de Dom Bosco, ao acolher as realidades, memória e histórias da comunidade acadêmica que acaba por constituí-la? Não basta falar em Dom Bosco ou nos santos salesianos, nem tampouco realizar pregações sobre a Estreia do ano ou a respeito de qualquer questão salesiana. O que pretendemos verificar é o quanto todos estes elementos, que são marcos teológicos das IUS, se colocam em um diálogo real com as pessoas que recorrem a estas instituições na busca de formação no ensino superior. Qual é, afinal, o fogo ao redor do qual nos reunimos? Que alimentos compartilhamos? Que histórias contamos?

## Conclusões

O artigo que apresentamos compartilha a experiência de elaboração e efetivação de um projeto nascido da parceria entre a [nomear as IUS], todas integrantes da grande rede das IUS da América Latina. Sendo um projeto em pleno desenvolvimento, o projeto Charlas ainda não apresenta resultados, sendo possível neste momento comunicar as premissas das quais estamos partindo para sua efetiva execução.

Assim, expusemos que se trata de um projeto que vai dinamizar momentos de diálogo sobre a percepção da identidade salesiana no cotidiano das IUS. A sistemática de trabalho, por sua vez, tomar como premissa o próprio conceito inerente ao seu título, charla, como dinâmica de trabalho. Para esclarecer como planejaremos a efetivação do projeto, abordamos as questões de fundo que o norteiam. A primeira delas é a própria experiência de fé, em nível ontológico, como busca de sentido para a vida. A seguir, aprofundando esta temática, discorreremos sobre a linguagem que surge da experiência de fé: a linguagem simbólica, que se desdobra em narrativas mitológicas e atos ritualísticos. Nesta linha, explicamos como a charla se constitui em um ritual ancestral, compartilhado por várias culturas, com diversos nomes. Em termos latino-americanos, principalmente na região pampeana, algumas particularidades se mostram neste ato: reunir-se ao final do dia ao redor do fogo, partilhar a jornada realizada no dia que termina e, principalmente, contar causos, que acabam tomando o papel de texto sagrado da charla ao transcender o cotidiano por meio de narrativas simbólicas. Ao mesmo tempo a charla reúne outros elementos sensíveis, como o fogo, que atrai, aquece e ilumina o ambiente e os alimentos compartilhados entre as pessoas que participam da charla. Por fim, discutimos a forma como esta experiência será registrada: a produção de um minidocumentário para ser veiculado nas redes sociais das IUS.

Sobre esta questão retomamos o caráter simbólico da linguagem cinematográfica. Projetando a condição humana de forma transcendente, o cinema amplifica e ressignifica o cotidiano, confere caráter mítico ao cotidiano e reúne uma diversidade de pessoas ao redor das telas, que tomam o papel exercido pelo fogo nas charlas. Com isso, também incidiremos em uma linguagem amplamente corrente entre as juventudes, indo ao encontro, assim, do próprio carisma salesiano.

Por último ressaltamos a importância de se travar estes diálogos, estas charlas, buscando um nível mais profundo de compreensão e experiência da identidade salesiana, que não seja apenas aquilo que se estabelece institucionalmente. Nisso, pretendemos conferir um caráter oratoriano ao projeto, estabelecendo esta charla como espaço de confiança para compartilhar a vida, tal como acontecia em Valdocco.

## Fechamento

Participar de uma charla significa recusar-se a morrer. Significa ainda ter algo a dizer e ainda ter muito a escutar. Abrir espaço para uma charla nas IUS é um convite a descarregar todo o peso do cotidiano em um espaço fraterno e amigável e acolhida. Para que isso aconteça é preciso acender o fogo, preparar o alimento e permanecer receptivo a quem chega. A charla é lugar de escuta e fala, de silêncio irmanado, de fraternidade vivida.

## Referências bibliográficas

- Buccellato, G. (2017). *A Espiritualidade de Dom Bosco: origem e conceitos iluminadores da espiritualidade do fundador dos Salesianos*. Edebê
- Eliade, M. (2010). *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões*. Martins Fontes.
- Instituições Salesianas de Educação Superior. (10 de julho de 2024). *Quem somos - História*. <https://bit.ly/3FrsAI1>
- Instituições Salesianas de Educação Superior. (10 de julho de 2024). *Rede Mundial IUS -América*. <https://bit.ly/3R6weJM>
- Leal, O. F. (2021). *Os Gaúchos - cultura e identidade masculinas no pampa*. Tomo Editorial.
- Morin, E. (1997). *O Cinema ou o Homem Imaginário*. Relógio D'Água.
- Morin, E. (2005). *O método 5: a humanidade da humanidade*. Sulina.
- Sandrini, M. (2018). *Dom Bosco: presente de Deus para as juventudes*. Paulus.
- Tillich, P. (1957). *Dinâmica da Fé*. Sinodal.
- Yupanqui, A. (2023). *O Canto do Vento*. Coragem